

BRASILEIRAS PROCURAM: TRAJETÓRIAS DE VIDA E TRABALHO EM PORTUGAL

BRAZILIAN WOMEN SEEK: LIFE AND WORK TRAJECTORIES IN PORTUGAL

Christine Nicklas de Souza ¹
Andrea Oltramari ²[0000-0002-5897-2772]

¹ Centro Português de Psicanálise
² Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
chrisnicklasbr@gmail.com, andrea.oltramari@ufrgs.br

Resumo. O presente trabalho tem o objetivo de compreender como mulheres brasileiras vêm vivenciando o cotidiano de vida e trabalho em contexto de migração para a Europa, mais especificamente Portugal. Para tanto, realizamos, primeiramente, um grupo focal com seis mulheres brasileiras, de diferentes idades e estados brasileiros, e que tivessem emigrado após 2015, nos meses de março e abril de 2023. Após o grupo focal transcrevemos as falas das mulheres entrevistadas e elaboramos algumas categorias de análise a posteriori a partir dos dados obtidos na coleta dos dados, a partir dos pressupostos de Minayo (2001). Adianta-se que é uma pesquisa inicial e em andamento.

Palavras-chave: Mulheres; Gênero; migração; brasileiras

Abstract. This study aims to understand how Brazilian women have experienced everyday life and work in the context of migration to Europe, more specifically Portugal. To this end, in March and April 2023, we first conducted a focus group with six Brazilian women of different ages and from different Brazilian states who had emigrated after 2015. After the focus group, we transcribed the interviewees' statements and developed a posteriori categories of analysis from the data collected, based on Minayo (2001). We note that this is an initial and ongoing study.

Keywords: Women; Gender; Migration; Brazilian women

Tivemos como base os estudos relacionados a quarta onda migratória de brasileiros para Portugal (Fernandes, Peixoto, Oltramari, 2020; Oltramari et al, 2023) que tem seu marco

inicial em 2015 e aponta para, sobretudo, tanto uma feminização da migração brasileira quanto um fluxo migratório heterogêneo. Para Oltramari et al (2023) referem sobre a importância da continuidade dos estudos sobre imigração brasileira em Portugal, ao desvelar pistas da caracterização da quarta onda migratória e a relevância de abordagens interseccionais para o campo das migrações, em especial gênero, regionalidades, raça e classe. Adicionalmente, em que pese a problematização das dificuldades enfrentadas por mulheres migrantes, Oltramari et al (2023, p. 66) referem que “outro elemento central é compreender que ser imigrante envolve desafios emocionais. Abandonar os vínculos familiares e fraternos para (re)começar uma história de vida em outro país não é, conforme os relatos, situação confortável. É sentir-se no exílio também. Não é preciso somente coragem, mas apoio para lidar com as dificuldades quando se interseccionam gênero e classe. Além das dificuldades de inserção no mercado de trabalho e para a busca de moradia, vários relatos denunciam, sobretudo para mulheres brasileiras, a xenofobia, o assédio moral e sexual cotidiano”.

Assim, a seguir apresenta-se uma etapa inicial e exploratória de análise dos dados. A primeira categoria intitula-se **o sonho perdido**: O sonho imaginado durante o planejamento da viagem, para muitas mulheres é o primeiro que se perde, enquanto que para outras se transforma num novo ideal; Sentimentos de frustração e de sonho roubado podem surgir, originando o primeiro luto de uma série.

A seguir temos a categoria a **mulher brasileira no imaginário coletivo**. O seu corpo, seu cabelo, o tom de pele, seu andar, falar, personalidade e caráter são negligenciados e apresentados sob o olhar do outro com certa xenofobia. Uma imagem que corresponde ainda a um distante, mas ainda presente, imaginário colonial. A ideia de uma mulher exótica, sensual e provocante se impõem de forma imperativa sobre a presença real de uma pessoa. O desconforto e o mal-estar, provocados por essa fantasia altamente erotizada, que resultam em comportamentos hostis e até violentos, estão entre os desafios que muitas brasileiras migrantes enfrentam em sua jornada. Ligar tais pontos da história, entre passado e presente, não parece tarefa fácil, especialmente quando os envolvidos tendem a desejar apagar o que reverbera como marca até os dias de hoje. Tal como refere C. (48 anos) profissional da área de TI, nascida na Argentina, criada no Brasil: “Eu sofri muito no começo, eu vim com trabalho, sou da área de TI. Eu vim com trabalho e entrei num projeto onde eram todos portugueses. E eu era a única de fora. E assim, fui extremamente questionada... era como outra entrevista, mas ali da equipe de trabalho. No começo eu senti muita... eu não sei. Era uma rejeição absurda. E eu aprendi isso: a gente não pode se rebaixar.

Adicionalmente tal imaginário habita em muitos portugueses e traz muita tristeza para as brasileiras, tal como refere C. (61 anos): “... Eu passei a pandemia aqui... me senti segura... Foi logo no começo da pandemia, eu fui ao supermercado, voltei pra casa né? Eu tava com luva, sei lá, um monte de coisa, parecendo um ET (se referindo à máscara etc.)!... A porta (do elevador) estava fechando, aí um cara abriu a porta, um senhor, um português sem máscara. Aí eu pedi pra ele: - o senhor pode botar a máscara por favor? Caramba, pra quê que eu abri a minha boca?! Aquele homem começou a gritar dentro do elevador! Gritar, Brasileira Vagabunda!! Gente, eu tava com 61 anos! Entende?! Ele nem tinha olhado pra minha cara, não tinha visto nada meu. Porque ele tava me chamando daquele jeito?!...” (C. é uma senhora de cabelos grisalhos).

A próxima categoria denominamos **Nem cá nem lá. Num “entre”**. O efeito que a decisão tomada por nossas entrevistadas tem sobre parentes e amigos reiteram o lugar da dificuldade em encontrarem seu lugar no mundo. Algumas relatam um verdadeiro bombardeio de perguntas que começam com: porque, como e pra quê?! Quando se

assume um lugar de coragem de partir e recomeçar, dando-se a oportunidade de recomeçar em outro lugar, a migrante vira o elo perdido do pacto que sustentava aquele grupo social. O resultado vem em “efeito dominó”, provocando todo tipo de deslocamentos e as reações são apaixonadas e surpreendentes. Construir novas relações, novas referências, se sentir capaz de se reinventar, abrir-se e entregar-se ao desconhecido... tudo isso e um pouco mais, para não viver pensando que é no Brasil, esse que agora ganhou status de sonho, que se é legitimamente feliz e no qual se recebe afeto. Relataram algumas de terem a sensação de estar num barco, por vezes à deriva. Para algumas e por algum tempo (e este é totalmente subjetivo) vive-se no estrangeiro assim, entre dois países e duas realidades. Como se o corpo estivesse num lugar e o coração em outro, tal como refere L. (55 anos): “Eu senti que a minha vinda foi uma jogada de xadrez. A minha família não gostou, porque desestabiliza. Entendeu?... Eu tinha um lugar ali naquela micro sociedade familiar. Na hora que eu saí, na minha família foi estranho e com os meus amigos também. Teve amigas que pararam de falar durante um tempo ... às vezes as pessoas ficam até com inveja, da sua coragem, do seu passo, tem gente que fica com raiva, porque não sabe administrar saudade, ou a falta que você vai fazer...”

Em seguida, a próxima categoria intitula-se **o ponto do não retorno**. O tempo passa e para algumas o Brasil vai ficando cada vez mais distante. Pessoas significativas partem e outras perdem importância. Abre-se também um abismo entre o que se espera viver em cada visita ao país natal e o que se encontra, tal como Sayad (2000) já apresentava em suas reflexões. E assim a solidão invade o que seria o lugar do amor garantido. Ao mesmo tempo falar do próprio país numa narrativa saudosista e apaixonada faz brotar um sentimento de identidade até então não experimentado. Afinal, tudo indica que não há para onde correr. No próprio Brasil parece que também não é nada fácil o retorno para nenhum dos brasileiros e em especial, as mulheres (Romerito et al, 2022).

A próxima categoria, **solidão** que tanto pode representar motivo de sofrimento como também oportunidade de crescimento, autoconhecimento, liberdade e força. A descoberta de um tipo de solidão existencial inerente a experiência humana. Por estar à margem de estatutos como: esposa, viúva, dona de casa dedicada, mulher recatada... paga-se um preço. Qual seria ele? O retorno ao país natal e o reencontro com familiares e amigos pode ser uma experiência positiva, como também pode significar um triste e solitário desencontro. Os que ficaram no Brasil superestimam a experiência migratória, idealizando a realidade vivida no estrangeiro. Descobre-se uma nova identidade, uma sensação de pertença a uma dimensão para além do país de nascimento. A culpa gerada pela decisão de deixar todos para trás. Família, filhos, amigos. Como é possível não sentir o peso da decisão de assumir o desejo de estar sozinha no mundo distante de tudo e todos?

Para o senso comum ela não pode ser identificada com os ideais de uma boa mãe e esposa, uma mulher recatada e respeitável, afinal está sozinha e tal fato a descaracteriza. Afinal, o que pode querer uma mulher solitária? Que lugar pode ser dado a ela, já que é desgarrada de valores tradicionais e princípios tidos como moralizantes? Uma vez dado o passo em direção ao mundo, existe a possibilidade do retorno ao mesmo lugar de que se partiu? Talvez não. Os efeitos que tal escolha produz tanto na mulher que migra como nos seus significativos que ficaram para trás são marcas indeléveis. Todos são definitivamente transformados por essa decisão, sendo portanto, nas próprias palavras delas, um caminho sem volta. A solidão habita todas: A. (45 anos) diz: “Eu fiz uma cirurgia, há dois anos... foi uma apendicite, foi de repente. Eu sozinha, eu não avisei, não falei pra ninguém da minha família, falei, não vai valer a pena. E assim desliguei meu

celular e fui, no corredor, no centro cirúrgico eu pensava: e se eu morrer? Ninguém vai saber, mas a gora já foi... Eu pensava, gente! Eu trabalho tanto, pra estar aqui sozinha... Também estava na pandemia, não podia ter visita...”

1 REFERÊNCIAS

1. FERNANDES, Duval; Peixoto João; OLTRAMARI, Andrea.. 2020. A quarta onda da imigração brasileira em Portugal: uma história breve. *Revista Latino-americana de Población*. V. 15, p. 34-63.
2. OLTRAMARI, Andrea; BITTENCOURT, Luise; FRAGA, Aline; TONELLI, Maria José.. 2020. Partir e recomeçar: imigração e carreira de brasileiras e brasileiros em Dublin. In: XLIV Encontro Nacional da ANPAD, 2020, Porto Alegre.
3. OLTRAMARI, Andrea; SCHERER, Laura; FRAGA, Aline; PEIXOTO, João; FERNANDES, Duval.. 2023. A Quarta Onda de Imigrantes Brasileiras e Brasileiros em Portugal: Redes, Classe Social e Gênero em Evidência nas Relações de Trabalho. *Contextus*, v. 12, p. 49.
4. SAYAD, Abdelmalek.. 2000. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. *Travessia Revista do Migrante*. Ano XIII nº especial janeiro.
5. SILVA, Romerito; FERNANDES, Duval; Peixoto João; OLTRAMARI, Andrea.. 2022. Migração de retorno de brasileiros que viviam em Portugal: em busca de dados. *Caderno de Geografia*, v. 32, p. 428-442.